

Pessoa, identidade, auto-realização e identificação – o reconhecimento de Jesus e sua personalidade humana

Jean Lauand¹
Sylvio R. G. Horta²
Enio Starosky³

Resumo: Notas de três conferências articuladas do “XXII Seminário Internacional Cemoroc Filosofia e Educação (Keirsey)” (2021). Este estudo apresenta alguns aspectos fundamentais da identidade da pessoa e do problema do reconhecimento de Jesus Cristo e de sua identidade humana.

Palavras Chave: Jesus Cristo. identidade. reconhecimento. lúdico. Shakespeare. Keirsey. Julián Marías.

Abstract: Notes of three lectures of the “XXII Seminário Internacional Cemoroc Filosofia e Educação – David Keirsey”. The article shows some basic aspects of personal identity and the problems of recognizing Jesus Christ and His human identity.

Keywords: Jesus Christ. identity. recognizing. ludic. Shakespeare. David Keirsey. Julián Marías.

“Quem dizem os homens que eu sou”? “E vós, quem dizeis que eu sou?” (Mc 8; 27. 29)

*“Shakespeare era nada em si mesmo; mas era tudo que os outros eram, ou o que podiam se tornar.”
William Hazlitt⁴*

A pergunta fundamental de Shakespeare

Alguns estudiosos consideram a pergunta fundamental do *Hamlet* não o “*to be or not to be...*”, mas uma sentença aparentemente sem a menor importância, que é, no fundo, a mais essencial. Trata-se da primeiríssima fala da peça: é de noite e, ao aproximar-se para a troca de turno de sentinelas, um dos guardas faz a decisiva pergunta: - *Who’s there?*

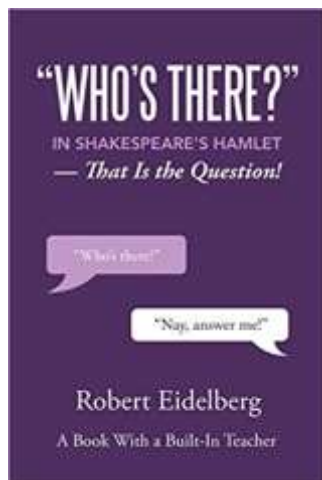
¹. Professor Titular Sênior da FEUSP. Professor Colaborador do Colégio Luterano São Paulo. jeanlaua@usp.br

². Doutor em Filosofia da Educação pela FEUSP. Professor da FFLCHUSP - Departamento de Letras Orientais.

³. Diretor do Colégio Luterano São Paulo. Mestre em Educação e Doutor em Ciências da Religião pela Umesp.

⁴. Citado por Thomas Armstrong, *Sete tipos de inteligência*, RJ, Record, 2003, pág. 139.

De fato, para Edward Yastion, um notável diretor de *Hamlet*, “Quem está aí?” é que é a *questão* e a peça inteira busca responder a ela. E Robert Eidelberg lançou recente livro: tematicamente dedicado a esta questão.



https://www.amazon.com.br/Whos-There-Shakespeares-Hamlet-Question/dp/1796073202/ref=sr_1_7?dchild=1&qid=1618288093&refinements=p_27%3ARobert+Eidelberg&s=books&sr=1-7&text=Robert+Eidelberg

E Kelly Hunter inclui essa questão no próprio título da peça, em sua adaptação de Hamlet.



<https://www.amazon.com.br/Hamlet-Whos-There-William-Shakespeare/dp/1350006386>

E é que o próprio “*to be or not to be*” remete, afinal, a: Quem sou eu? Quem está aí? Quem sou eu? Quem é você? Quem é Fernando Pessoa; quem, Álvaro de Campos, Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Bernardo Soares? Quem está aí? Quem é o rei Claudius?

“Quem sou eu? Quem está aí?” (mais no sentido de “Who am I?” do que de “Who I am?”). Aí reside o caráter “dramático” da condição humana, do ser pessoa do homem, de sua realização, como *pro-jeto* ou, no dizer de Pieper: *selsbstverwirklichungsvorgang*, em processo de auto-realização. A tentativa de cristalizar o “quem sou eu” em uma resposta alheia a essa dinâmica de *pro-jeção*, resultaria em coisificação, como aponta Julián Marías:

Já há bastante tempo eu disse na *Antropologia Metafísica* que, do meu ponto de vista, não é certo que se possa reduzir tudo a uma pergunta: O que é o homem? E isso, precisamente num livro de antropologia. Eu

dizia: – Não, para começar, não está correta a pergunta: “O que é o homem?”. Essa pergunta tem sido feita pela filosofia já há muito tempo, mas é uma pergunta errada, é uma pergunta que propõe um problema de resposta falsa, porque o homem não é um “quê”. Se alguém bate à porta, não se pergunta “que”, mas sim “quem” é. Devemos distinguir radicalmente entre “que” e “quem”. A pergunta não é portanto “O que é o homem?”, nem tampouco “Quem é o homem?” - isto não tem sentido - a pergunta radical é “Quem sou eu?”.

(...) Porque “eu” é um pronome, é um pronome pessoal, que indica precisamente a posição existente e única. Quando alguém bate e se pergunta “Quem é”, frequentemente se responde: “eu”, se a voz for conhecida. “Eu”, não “o eu”, que é uma abstração; “eu”, rigorosamente pronominal. Portanto, a pergunta não seria “O que é o homem?”, a pergunta seria “Quem sou eu?”. Mas esta pergunta vai acompanhada de outra, inseparável: “O que vai ser de mim?”. São duas perguntas inseparáveis e que de certo modo se contrapõem: quero dizer que na medida em que posso responder plenamente a uma, a outra fica na sombra. Se eu sei quem sou, se eu me vejo a mim mesmo como pessoa, como “quem”, não acabo de saber o que vai ser de mim... Se, por outro lado, quero ter a certeza sobre o que vai ser de mim, evidentemente necessito apoiar-me em algo estável e executo a operação de – de certo modo – coisificação. Essas duas perguntas são inevitáveis, inseparáveis e – de algum modo – conflitantes. Por isso, é que eu acho que a vida humana é dramática.⁵

A vida humana é “dramática”, futura (Marías) – que tende ao futuro –, precisamente essa *pro-jeção*, o que posso (talvez...) ser exercendo minha liberdade, a múltiplas possibilidades em meu futuro.

Daí a importância que o próprio Marías dá à sentença chave do Quixote (e do próprio Cervantes): “Eu sei quem sou” (Cap. V da parte I).



José Moreno Carbonero “La aventura de los mercaderes” (1898)
https://auctionet.com/es/1057887-la-aventura-de-los-mercaderes/imagenes#image_2.

Recordemos: Dom Quixote está estendido no chão, moído por uma surra que acabara de tomar de uns mercadores zombeteiros a quem desafiara. Não consegue se

⁵. Marías, Julián “Kant”, *International Studies on Law and Education*, No.4, Harvard Law School Association – São Paulo, p.90.

erguer e consola-se pensando em situações de ferimentos de grandes cavaleiros nas histórias que lera. Por sorte, um vizinho passa por ali e o acode. Dom Quixote, saudado, como se esse pobre camponês fosse um grande personagem da cavalaria, como o próprio Quixote:

— Saiba vossa mercê, senhor dom Rodrigo de Narváez, que esta formosa Xarifa deque falei é agora a linda Dulcineia del Toboso, por quem eu fiz, faço e farei as maiores proezas de cavalaria que se viram, veem ou verão no mundo.

A isso o camponês respondeu:— Veja vossa mercê que, por bem de meus pecados, não sou dom Rodrigo de Narváez nem o marquês de Mântua, mas Pedro Alonso, seu vizinho. E nem vossa mercê é Valdovinos nem Abindarráez, mas o honrado fidalgo senhor Quixana [Quixote].

— Eu sei quem sou – respondeu dom Quixote – e sei que posso ser não apenas esses que mencionei como todos os Doze Pares de França e até os Nove da Fama, pois todas as façanhas que eles fizeram juntos, ou cada um por si, serão superadas pelas minhas.

(<http://itaudeminas.mg.gov.br/arquivos/ere/livros/Dom-Quixote-Miguel-de-Cervantes.pdf>)



https://www.youtube.com/watch?v=EfA509jpsc8&list=PLmO7Jpa5j1fX2scgJuOKyWz4Q1ALM-Ha9&index=12&ab_channel=lenguayliteraturaNLN

O reconhecimento e a possibilidade de abertura para o real. Jesus lúdico.

Buscar a resposta à pergunta “Who’s there?” é tarefa muito árdua; a tendência a não ver a realidade é prodigiosa, como mostram, por exemplo, diversos estudos de Clément Rosset. No estudo “A inobservância do real” ele nos diz:

Se há uma faculdade humana que merece atenção e assemelha-se ao prodígio é realmente essa aptidão, particular ao homem, de resistir a toda informação exterior quando esta não concorda com a ordem da expectativa e do desejo, de ignorá-la se for preciso e a seu bel-prazer; admitindo a possibilidade de opor a ela, se a realidade insiste, uma recusa de percepção que interrompe toda controvérsia e encerra o debate, naturalmente às custas do real. Esta faculdade de resistência à informação tem algo de fascinante e de mágico, nos limites do inacreditável e do sobrenatural: é impossível conceber como se utiliza o

aparelho perceptivo para não perceber, o olho para não ver, o ouvido para não ouvir. No entanto, essa faculdade, ou melhor, essa antifaculdade, existe; ela é mesmo das mais banais e qualquer um pode fazer sua observação cotidiana.⁶

Em um primeiro nível dessa procura da manifestação da verdade (outro problema é se a verdade vai ser aceita ou não...), Shakespeare propõe um sugestivo recurso de meta-linguagem: o personagem Hamlet vale-se do teatro e para certificar-se do assassinato do pai faz a companhia de atores encenar ante o rei a sequência do crime do qual ele é o suspeito. E é que o *lúdico* permite *aludir* a um fato: aliás, não por acaso, *aludir* do ponto de vista etimológico significa precisamente *ad-ludere* (no duplo sentido de brincar e representar um papel).

O próprio Cristo, diversas vezes, vale-se do recurso do “teatro” e como que brinca de desempenhar um papel, e, por assim dizer, disfarça-se, camufla-se, para possibilitar a seus interlocutores o reconhecimento de sua pessoa, a captação de uma verdade que, de outro modo, seria inacessível para eles.

É uma constante nas aparições de Cristo ressuscitado. Os discípulos de Emaús (Lc 24) eram incapazes de reconhecer que era Cristo quem estava a seu lado (*oculi illorum tenebantur ne eum agnoscerent*) e ouvem “o forasteiro” expor tudo “desde Moisés passando por todos os profetas” e só horas depois O reconhecem na fração do pão. Uma possibilidade de conversão e de sair do erro que lhes teria sido negada se Cristo se auto-apresentasse desde o início: a sutileza e o disfarce operam aqui como recursos pedagógicos, de refinada caridade. A auto-ocultação da identidade de Cristo, que se faz passar por um desconhecido e assume feições irreconhecíveis (ou semi-irreconhecíveis...), é a chance de que eles se abram aos fatos e reflitam sobre as razões da Escritura, apresentadas por Cristo que não se manifesta como tal precisamente para deixar que a realidade fale por si, sem a intromissão avassaladora de Sua autoridade.

No cap. 20 de João (11-18), a mesma camuflagem: Maria Madalena não reconhece os anjos e muito menos Jesus lúdico. Ela pensa que está conversando com o encarregado do horto...:

Entretanto, Maria se conservava do lado de fora perto do sepulcro e chorava. Chorando, inclinou-se para olhar dentro do sepulcro. Viu dois anjos vestidos de branco, sentados onde estivera o corpo de Jesus, um à cabeceira e outro aos pés. Eles lhe perguntaram: “Mulher, por que choras?”. Ela respondeu: “Porque levaram o meu Senhor, e não sei onde o puseram”. Ditas essas palavras, voltou-se para trás e viu Jesus em pé, mas não o reconheceu. Perguntou-lhe Jesus: “Mulher, por que choras? Quem procuras?”. Supondo ela que fosse o jardineiro, respondeu: “Senhor, se tu o tiraste, dize-me onde o puseste e eu o irei buscar”. Disse-lhe Jesus: “Maria!” Voltando-se ela, exclamou em hebraico: “Rabôni!” (que quer dizer Mestre). Disse-lhe Jesus: “Não me retenhas, porque ainda não subi a meu Pai, mas vai a meus irmãos e dize-lhes: Subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus”. Maria Madalena correu para anunciar aos discípulos que ela tinha visto o Senhor e contou o que ele lhe tinha falado.”

⁶. Rosset, Clément “A inobservância do real” in *O Princípio da Crueldade*, Rio de Janeiro, Rocco, 2002, pp. 52-3.

No capítulo seguinte (Jo 21: 1-14), as vítimas do “engodo” são os apóstolos que não sabem Quem está lá na praia e lhes diz : “Ei, vocês têm alguma coisa para comer? Joguem a rede à direita...”.

Depois disso, tornou Jesus a manifestar-se aos seus discípulos junto ao lago de Tiberíades. Manifestou-se deste modo: Estavam juntos Simão Pedro, Tomé (chamado Dídimo), Natanael (que era de Caná da Galileia), os filhos de Zebedeu e outros dois dos seus discípulos. Disse-lhes Simão Pedro: “Vou pescar”. Responderam-lhe eles: “Também nós vamos contigo”. Partiram e entraram na barca. Naquela noite, porém, nada apanharam. Chegada a manhã, Jesus estava na praia. Todavia, os discípulos não o reconheceram. Perguntou-lhes Jesus: “Amigos, não tendes acaso alguma coisa para comer?”. – “Não”, responderam-lhe. Disse-lhes ele: “Lançai a rede ao lado direito da barca e achareis”. Lançaram-na, e já não podiam arrastá-la por causa da grande quantidade de peixes. Então, aquele discípulo a quem Jesus amava, disse a Pedro: “É o Senhor!”. Quando Simão Pedro ouviu dizer que era o Senhor, cingiu-se com a túnica (porque estava nu) e lançou-se às águas. Os outros discípulos vieram na barca, arrastando a rede dos peixes (pois não estavam longe da terra, senão cerca de duzentos côvados). Ao saltarem em terra, viram umas brasas preparadas e um peixe em cima delas, e pão. Disse-lhes Jesus: “Trazei aqui alguns dos peixes que agora apanhastes”. Subiu Simão Pedro e puxou a rede para a terra, cheia de cento e cinquenta e três peixes grandes. Apesar de serem tantos, a rede não se rompeu. Disse-lhes Jesus: “Vinde, comei”. Nenhum dos discípulos ousou perguntar-lhe: “Quem és tu?” –, pois bem sabiam que era o Senhor. Jesus aproximou-se, tomou o pão e lhes deu, e do mesmo modo o peixe.

E assim diversas vezes na Bíblia surge o problema da dificuldade do reconhecimento (mesmo em nível superficial do “Who’s there?”): problemas de reconhecimento de anjos; do cego de nascença curado por Jesus (Jo 9); de Esaú por Isaque: “És realmente meu filho Esaú?” (Gn 27, 24); de José do Egito etc.

O caso de José do Egito, do reconhecimento de José por seus irmãos, apresenta requintes de dissimulação lúdico-teatrais a serviço da verdade e da conversão do erro. Até o nome é mudado, ele não aparece como José, mas como Saphanet Phanec (Gn 41, 45). Quando Jacó, aflito pela fome em Israel, envia seus outros filhos ao Egito, “José reconheceu seus irmãos, mas eles não o reconheceram” (Gn 42, 8). E aí começa o jogo teatral orquestrado por José (que além de estar sob o “pseudônimo” Saphanet Phanec ainda por cima, “cinicamente”, vale-se de um intérprete (Gn 42-43), como se não entendesse a língua de seus irmãos!). Seus irmãos, iludidos, relatam a seu pai:

Chegando em casa, contaram ao pai tudo o que tinha acontecido. “O governador do Egito foi duro conosco,” disseram eles a Jacó. “Ele ficou dizendo que estávamos lá como espiões! “Nós dissemos: ‘Somos gente honesta. Não somos espiões. Somos doze irmãos por parte de pai. Um não existe mais, e o menor está em casa, na terra de Canaã.’ “Mas aquele homem, que é a maior autoridade do Egito, respondeu: ‘Só vejo um modo de vocês provarem que são honestos. Um de vocês fica detido aqui. Os outros podem ir para casa, levando mantimento para socorrer

as famílias de cada um. Depois vocês vão ter de voltar para cá, trazendo o irmão mais novo. Se fizerem isso, ficará provado que estão sendo sinceros. Aí soltarei o seu irmão, e vocês poderão negociar à vontade no Egito.” (Gn 42, 29-34).

A “farsa” de José prossegue com detalhes como o de “plantar prova de crime”, mandando seu mordomo esconder uma taça de prata na bagagem de Benjamim para acusá-los (Gn 44, 2) etc. Se José tivesse dito, desde o primeiro momento, “Sou vosso irmão a quem queríeis eliminar”, seus irmãos não teriam percorrido o caminho da conversão.

O capítulo 9 de João, o caso do cego de nascença curado por Jesus, é ainda o melhor tratado sobre a dificuldade – ou, para alguns, até mesmo a impossibilidade – do reconhecimento: das pessoas (“*Who’s there?*”) e da verdade.

A cena começa com Jesus curando o cego. Seguem-se as dificuldades de reconhecimento (“será que este homem que hoje vê é mesmo o ceguinho que conhecíamos?”; o interrogatório dos pais e do ex-cego etc.) e, sobretudo, as dificuldades provenientes da “cegueira” de espírito, que chega até o extremo da negação do fato (“esse homem é um pecador, logo não pode ter operado cura”) e a expulsão do ex-cego. No final, ele reencontra Jesus e o *reconhece* como Deus, enquanto os fariseus aferram-se à sua “cegueira”. E o capítulo termina com a terrível sentença de Jesus sobre cegos que vêem e videntes que são cegos. E ainda pior: “Se fôsseis cegos não teríeis pecado, mas como dizeis ‘Nós vemos’, então vosso pecado permanece”.

Josef Pieper escreveu um genial estudo sobre o caso do cego do Evangelho - “A experiência com a cegueira” (<http://www.hottopos.com.br/videtur12/cegueira.htm>) -, focando precisamente essa incapacidade de reconhecimento. Recolho aqui apenas os inquietantes parágrafos inicial e final:

Meditando sobre os descaminhos do mundo, surge o desejo de que a verdade pudesse, alguma vez, mostrar-se de forma totalmente irrefutável, como algo simplesmente irresistível, pela sua própria força arrebatadora. Mas, quão incertos são tais desejos e quão sinistras podem ser as formas em que, na realidade, dá-se a liberdade e também a fraqueza dos homens e como a verdade de modo algum “se impõe”, tudo isto torna-se manifesto na história que narraremos a seguir. [o cap. 9 de João] (...) Ao final, ficará evidente que também um olho que vê pode ser cego. Aliás, esse tipo especial de cegueira é bem o tema de nossa história.

(...)

E quando um dos que por lá estavam, um do partido dos poderosos, disse, irônico e ameaçador, que então, segundo isso [“cegos que vêem e videntes que são cegos”], eles, os poderosos, seriam também cegos, obteve de Jesus a resposta de que precisamente isto é que era o mal: que eles não eram cegos. Aí já não houve mais ninguém que perguntasse o que isso [“cegos que vêem e videntes que são cegos”] significava; perguntavam-se, sim, se tinha afinal algum significado, se havia, afinal, algo a ser compreendido. E assim termina a experiência com a cegueira. Disse eu que termina a experiência com a cegueira? Não, esta seria uma formulação um tanto imprecisa, e até mesmo injusta. O que terminou foi o relato; a experiência..., a experiência continua...

Shakespeare – A coruja era filha do padeiro

Voltemos à pergunta de Shakespeare e à tese de Julián Marías: a única coisa que importa é saber “*who’s there?*” e, mais precisamente, “quem sou eu?”. E este ser que eu sou não é coisificado, não é estático: o “*to be or not to be*” refere-se a um ser dinâmico, ao *ultimum potentiae* do homem, ao máximo do que se pode ser, como tantas vezes diz Tomás de Aquino. Daí que a pergunta “Quem sou eu?” vá acompanhada de outra, inseparável: “O que vai ser de mim?”. Ou como se diz na *Tabacaria* de Fernando Pessoa: “Que sei eu do que serei, eu que não sei o que sou?” (Pessoa ou Álvaro de Campos? *Who’s there?*). Um *to be* dinâmico e que envolve a abertura para o outro, segundo a célebre sentença de Ortega: “*Yo soy yo y mi circunstancia, y si no la salvo a ella no me salvo yo*”; e a sugestiva paráfrase de Juan Ramón Jiménez: “*‘Dime con quién andas, y te diré quién eres’. Ando solo. Dime quién soy*”...⁷

Assim se compreende que o problema da falta de liberdade, da tirania, resida precisamente neste aborto do *pro-jeto* do ser pessoa. Shakespeare completa genialmente o questionamento do “*to be or not...*”, quando Ofélia, em sua loucura, dialoga com o ignóbil rei Claudius:

King Claudius: How do you, pretty lady?

Ophelia: Well, God dild you! They say the owl was a baker's daughter.

Lord, we know what we are, but know not what we may be. God be at your table (*Hamlet* IV. 5).

Trata-se de uma passagem riquíssima e cheia de alusões enigmáticas. Sem liberdade, sabemos o que somos (nas limitações da coisificação, da nossa redução ao “Manual de Instruções” do tirano etc.) mas não sabemos o que podemos ser, não podemos empreender a realização daquele máximo: a coruja era filha do padeiro!(?)

O que significa essa misteriosa coruja, filha do padeiro? Os comentadores remetem a uma antiga lenda segundo a qual Cristo, em suas andanças, detém-se numa casa, a do padeiro, e lhe pede de comer. Generosamente, preparam-lhe uma massa com fermento, para pôr no forno, mas a mesquinha filha do padeiro, achando que aquilo era um desperdício, subtrai a maior parte e deixa apenas um pedacinho para assar. Ao ver o milagre de que aquele pedacinho comece a crescer enormemente, ela exclama assustada, como coruja: “Hu, hu, hu!” e, como castigo, é transformada em coruja!

O símbolo da coruja recebe interpretações tradicionais. Segundo S. Tomás de Aquino, a coruja alegoricamente representa: a astuta “prudência da carne” (e o correspondente embotamento do espírito) e a incapacidade de ver o sol (e o Sol é Cristo)⁸.

Já a massa de pão com fermento representaria a tendência à realização do ser em direção àquele máximo (*ultimum*) do “*to be*” dinâmico a que Deus chama cada pessoa. Esse processo é impedido pela mesquinharia e pela opressão do tirano, sob a qual só sabemos o que somos, mas não o que podemos ser... Daí que o castigo divino reduza a filha do padeiro a coruja. Há um escárnio na fala de Ofélia para o rei: “*God dild you!*” (em vez de *God yield you*). Talvez no sentido de que, tal como à filha do

⁷ Cit. por Pedro Laín Entralgo *El Problema de ser cristiano*, Barcelona, Galaxia Gutenberg, 1997, p. 81.

⁸ “*Nycticorax, quae in nocte acuti est visus, in die autem non videt, significat eos qui in temporalibus sunt astuti, in spiritualibus hebetes* (I-II, 102, 6 ad 1). E “*Solem etsi non videat oculus nycticoracis etc.*” (*In Metaph.* 2, 1, 286).

padeiro, Deus te retribua (o mal que fizeste). Uma aproximação da tradução desse *God dild you!* de Ofélia poderia ser “Deus lhe prague!”.

Em sentido contrário ao da opressão dos tiranos, as “manifestações” de Cristo são no sentido da realização: o vinho de Caná é vinho excelente; a pesca é de 153 peixes grandes; o cego recobra a visão... É nessa grandeza, que aponta para que a realidade realize o plano do Verbo, que se reconhece Cristo: Jesus lúdico que, como Mestre, se esconde para poder de verdade se manifestar. Àqueles que tenham olhos de ver a Cristo que passa...

Nota sobre a dificuldade de reconhecer Cristo na Teoria de David Keirsey⁹

Não é fácil, ou mesmo possível, assinalar algum tipo específico, dentre os 16 estabelecidos por DK - David Keirsey (ISFP, ENFJ, etc.), ou mesmo um temperamento, dentre os 4 propostos por DK (SJ, SP, NF e NT) para a identidade humana de Jesus Cristo. Felizmente, a teoria de DK admite tipos híbridos.

Isso não impede que analisemos Jesus Cristo à luz dos quatro pares de fatores (opostos) que são a base do pensamento de DK: I/E, S/N, J/P, F/T e dos 4 tipos de temperamentos que deles resultam.

Uma exposição resumida dos fatores encontra-se no capítulo de Jean Lauand “Os elementos fundamentais E/I; S/N; J/P; F/T”, na obra por ele organizada: *Sobre a Tipologia de David Keirsey* (Santo André: Kapeken, 2019 - <http://www2.fe.usp.br/%7Eecemoroc/tipologia.pdf>). Recordemo-los, brevemente, a partir de trechos desse capítulo.

1. O par E/I (Extroversão / Introversão)

(...) Resumindo ao máximo, o tipo E recarrega suas baterias de energia interior na interação com os outros; já o I (que não deve ser confundido com “o tímido”) se desgasta rapidamente ao interagir com “*la gente*”, com muitas pessoas e desconhecidas (Keirsey 1984, p. 14). (...)

2. O par S/N

Keirsey (1984, p. 16 e ss.) distingue a preferência S (de *Sensible*, c. 80% da população), que quer fatos, liga-se aos fatos, confia nos fatos, recorda-se dos fatos. É a preferência de quem crê na experiência e conhece por meio da experiência (a história como mestra), tanto pessoal como coletiva. Os pés no chão. Já a preferência N (de *iNtuition*), foca no futuro, nas possibilidades.

Recordemos que o S (de *sensible*) não significa “sensível”, mas realista, *realistão*, pés no chão, a pessoa que “se liga” mais nos fatos em si, pés no chão, arroz e feijão, o sentido comum; enquanto para o N, os fatos convidam para uma interpretação mais ampla, para o abstrato, para as possibilidades, para o futuro. Seja para a estruturação lógica, tecnológica, científica (NT) ou para o significado humano (NF), para além dos fatos, antecipando já um pouco os temperamentos. (...)

3. As preferências: F x T

As preferências F / T, apresentadas também de modo maximamente reduzido, referem-se à instalação na vida (percepção, relacionamento, decisões etc.) a partir de uma perspectiva “pessoal” (F de *feeling*),

⁹ Nesta Nota, recolhemos algumas ideias do capítulo “The personality of Jesus” de GOLDSMITH, Malcolm. *Knowing me, knowing God*. Nashville: Abingdon Press, 1997.

valorizando as emoções, os sentimentos, a consideração das circunstâncias da pessoa, a abordagem emotiva e pessoal em contraposição a uma preferência **T** (de *thinking*), que valoriza a “objetividade” das coisas, a abordagem fria e impessoal: o que racionalmente deve ser feito. No limite, a oposição entre: o calor do coração e a frieza da razão. (...)

4. O par J/P

Keirsey (1984, p. 22 e ss.) distingue resumidamente a preferência J (de *Judging*) da preferência P (de *Perceiving*), indicando que aqueles preferem a conclusão e a resolução de um assunto; enquanto estes preferem manter opções abertas e fluidas. (...)

Naturalmente, a preferência J conecta com um aspecto externo que prefere a arrumação e a ordem: horários, datas, planejamento etc. enquanto o P propende mais ao “deixa a vida me levar”...

5. Nota antecipando os quatro temperamentos: SP, SJ, NF e NT

(...) Os SP, tipicamente falando, são movidos a ação e impulso (para eles é dirigido o slogan da Nike “Just do it!”), são lúdicos, hedonistas e focados no “aqui e agora” (“carpe diem” ou a canção “Paradise is here” de Tina Turner, com seu refrão “Right now!”). Em geral, tendem ao otimismo. Na disfunção, são os irresponsáveis e imaturos.

Os SJ, tipicamente falando, são movidos a dever e responsabilidade. Confiam na experiência (o que lhes dá também uma tendência ao pessimismo: se Vasco da Gama é SP – navegar é preciso – o velho do Restelo é SJ, com seu saber de experiências feito). Prezam as tradições e as instituições, que transmitem às novas gerações os valores para o bom funcionamento da sociedade. Na disfunção, são os engessados e inflexíveis guardiães de regras.

O NF anseia por encontrar o (enigmático) sentido humano e do seu self, como na canção “Eu caçador de mim” de Milton Nascimento.

Já o frio NT, como vimos anteriormente, procura as possibilidades racionais e tecnológicas oferecidas pela realidade. (...)

Jesus Cristo é I e é E. Alguém puramente extrovertido não aguentaria – para além da fome e da sede – 40 dias de solidão no deserto. E vemos que muitas vezes se retira para um lugar onde possa ficar só etc. Por outro lado, Ele sente-se à vontade com as multidões, com refeições de muitos convivas, com seus muitos amigos etc.

O mesmo acontece com o par S / N: Cristo é ambos, como expõe Goldsmith (pp. 99-101):

When we look at the Sensing-iNtuiting axis, we can again see that Jesus was able to operate effectively and appropriately at either end. He noticed small details, a common practice of Sensers. He was aware of the woman touching the hem of his garment; he noticed Zacchaeus in the branches of the tree; and Nathanael sitting in the shade of a fig tree. In his teaching, Jesus often encouraged people to be specific and to think of small details—“consider the lilies of the field”—and he reminded them that the very hairs on their head were numbered. He was aware of the practical problems when a large number of people followed him and did not have enough to eat, and he was quite specific about the details he gave to his disciples when asking them to prepare

things for his entry into Jerusalem for the Passover. A considerable amount of detail is given in the New Testament about eating and drinking, and the institution of the Last Supper is a quite specific piece of detailed action. Glancing through the Gospels quickly, for instance when I am looking for a particular passage, I am time and again struck by how much of the material is specifically related to individual people and to particular happenings. There is a sense of immediacy and practicality about them, and within such a context Jesus quite easily and naturally assumes the personality of a Sensing person. But the content of much of Jesus' teaching was the kingdom of God, and the kingdom is a theme which has enormous appeal to iNtuitives. The kingdom is concerned with the "big picture" of peace, justice, and righteousness; and Jesus shows himself to be a true iNtuitive when he speaks of the future, or when he poses questions. Time and time again he seems to get right to the heart of a matter, cutting through all the extraneous material, not getting bogged down with details so that he misses the point. He saw the potential in the most unsuspecting people, and was able to summon up in them amazing acts of heroism, dedication, and courage. Jesus was prepared to take risks. He challenged people to work things out for themselves: "but what do you think," he seems to be saying repeatedly. He was able to see beyond what other people could see, and so on several occasions could say words such as "if only you had eyes to see and ears to hear." Jesus strides across the pages of the New Testament as a man with a vision, a purpose, and an allembracing understanding of the future which influenced virtually everything he did and said. Such a description would place him well within the ranks of the iNtuitives—and yet we know that he was also a Senser.

Quanto ao par F/T, chama muito a atenção em Cristo sua dimensão F: ele frequentemente se compadece e “quebra as regras” pela sensibilidade para com o outro. Assim é em seu primeiro milagre – o de transformar água em vinho nas bodas de Caná – para evitar um constrangimento aos noivos. E ao ver Maria, irmã de Lázaro em prantos pelo irmão morto, Jesus se entrega às lágrimas (Jo 11, 35) e ressuscita o amigo. Enfim, todo um manifesto F, encontramos em Mt 9, 9: “Aprendei, pois, o que significa: ‘Quero misericórdia e não sacrifício’. De fato, eu não vim para chamar os justos, mas os pecadores”.

Por outro lado, seu senso de dever e missão exige, por vezes a “dureza” implacável do seu lado T. Como quando, aos 12 anos, deixa Maria e José aflitos, procurando-O por 3 dias, pois tinha ficado no templo. E quando sua mãe O interpela: “Filho, por que fizeste isso conosco?” (Lc 2, 48); sua dura resposta é: “Por que me procuráveis? Não sabíeis que me cumpria estar na casa de meu Pai?”. E quando Pedro tenta dissuadi-LO de enfrentar sua Paixão (Mc 8, 32) Jesus responde: “Afasta-te de mim, Satanás”.

Sobre a facilidade com que Jesus transita pelos fatores (opostos) J e P, falamos Goldsmith (pp. 102 e ss.):

When considering the Judging function [fator J] we are reminded of the need for closure, of the value of tradition and authority, of order and reliability, of trust and faithfulness—all aspects which can be found in the ministry and life of Jesus. In Mark's Gospel he bursts onto the scene

with a sense of urgency and purpose: "The time has come, the kingdom of God is near. Repent and believe the good news!" Jesus is conscious of a tradition, and sees himself continuing the ministry of John the Baptist. He goes back much further, to Elijah and, as the new lawgiver, he continues the work of Moses the old lawgiver. Matthew's Gospel is particularly concerned to show how Jesus saw himself within a particular tradition. He was a loyal and dependable friend, someone to turn to when in distress or afraid. Asleep in a boat when the weather turned stormy, the disciples woke Jesus up and looked to him to help them cope with a frightening situation. He was a man who had authority, an inner authority of his own, not like the authority of the scribes and Pharisees, and people listened to him and acted on his word. "Just say the word, and my daughter will be healed." He was a man who inspired confidence and trust, and people marveled at his words. He took responsibility for his actions, and he took upon himself the burdens and sins of others. There was clearly a great deal of J in his character. But once again, that is not the whole story. Jesus was able to keep his options open. He seemed free to wander around the countryside, going where he wanted and seeming not to follow any clearly defined and specific pattern or route. He mixed with "undesirables," he was not prepared to take people as others found them, he would make his own decision. When he was criticized for picking corn on the sabbath he replied that the sabbath was made for man and not the other way round. Although he had a mission and was committed to it with a sense of urgency, he could also relax; he could spend time with his friends and be deflected by people or circumstances. The little incident with the Canaanite woman is a good example of how he was open to new insight and was prepared to alter his perspective. The woman comes to him for help and the disciples want to turn her away. Jesus seems to agree with them, saying that he was sent only to the lost sheep of Israel, but the woman persists and kneels before him. Jesus tells her that it is not right to take children's bread and throw it to the dogs (hardly the conversation of an F!), but she counters that even the dogs eat the crumbs that fall from their master's table. Jesus is prepared to change his mind, and he replies, "Woman, you have great faith! Your request is granted." The woman's daughter was healed "from that very hour." That is the response of a person who is a P in terms of personality characteristics.

Jesus mostra uma personalidade que harmoniza os contrários: pode apresentar a impulsividade de um SP, a observância da lei de um SJ, a mais densa interioridade de um NF, o *logos* de um NT. Se os fatores de Keirsey são, frequentemente, fonte de viés preconceituoso no modo de ver e julgar o mundo e o outro; nEle, mostram-se integrados na vida e na missão, na harmonia de uma fascinante personalidade: a da realização, ao máximo – *Ecce Homo!* – de humanidade.

Recebido para publicação em 26-03-21; aceito em 18-04-21